

ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA CRÍTICA DA EDUCAÇÃO SOBRE A PRÁXIS PEDAGÓGICA COMPARTILHADA ENTRE COORDENADOR PEDAGÓGICO E CORPO DOCENTE À LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO

Nilton César Rodrigues Menezes
Mestre em Educação – UNOESC
Processos do ensino e da aprendizagem
Pôster

Resumo

Esta proposta de trabalho teve por referências teóricas a Escola de Educação Integral, a Etnografia Crítica da Educação e o Pensamento Complexo. Desta forma, o foco nuclear da análise foi a Escola Municipal EMFBA - RS que desenvolve o Projeto de educação integral. Neste contexto, chegou-se ao problema e seu questionamento: como a práxis pedagógica compartilhada entre Coordenador pedagógico e professores contribui no ensino-aprendizagem sob as perspectivas do Pensamento Complexo? Objetiva-se, portanto, situar e apontar num relato etnográfico-crítico (um “ver-relatando”) através de instrumentos de análise pela conjugação de “etnométodos”, tornar visíveis os caminhos percorridos na proposta da práxis pedagógica compartilhada. Com efeito, a pesquisa de campo foi fundamentada mediante instrumentos e coleta de dados por um roteiro reflexivo em Ludke e André (2003, p.30), e de um referencial teórico abrangendo elementos do sistema complexo instituição/organização. Assim, a escola de educação integral é um sistema complexo e aberto, que também se torna diferenciado e diversificado nas suas ações em razão da sociedade em que está inserida. As demandas da sociedade, por sua própria diversificação, podem direcionar uma organização escolar a se estruturar em unidades para melhor atender às expectativas de cada comunidade, sem perder o foco da sua missão, visão e valores. Por fim, percebeu-se que a escola de educação integral tanto aprende quanto desenvolve diferentes propostas de práxis pedagógicas compartilhadas no ensino-aprendizagem através das interações transdisciplinares entre Coordenador Pedagógico e Corpo Docente constituindo-se como uma organização aprendente.

Palavras-chave: Escola, integral, complexo, educação.

INTRODUÇÃO

Na abordagem da Escola de educação integral, a educação é mais do que apenas um imperativo de trabalhar e conversar juntos. Esta repercute bem entre os educadores, isto pela premissa subjacente da aprendizagem organizacional de que pessoas podem conjugar aspirações com melhor desempenho em longo prazo. Tanto que levam os que a ela aderirem a compartilhar do que há de mais humano no homem, a capacidade de refletir. Entretanto, logo vem a pergunta: como isto é realizado? E com esta, delineia-se um desafio prático que a Escola de educação integral então, gera: o desafio de colocar-se diante de ferramentas pedagógicas numa análise etnografia crítica da educação, investigando de e sobre a instituição de modo que se mantenha a dependência descritiva, mas como base sobre a qual se interpreta.

Desta maneira, com a finalidade conscientizadora e dialética da investigação sobre o conjunto dos fenômenos educativos numa atitude crítica que viabilize a convergência entre o refletir e o agir conscientes numa forma de estudar a inovação na educação, busca-se uma análise etnográfica crítica da educação da práxis pedagógica compartilhada entre Coordenador pedagógico e Corpo Docente em uma escola de educação integral à luz do pensamento complexo. Com efeito, e assim acreditar que o resultado de um olhar qualificado pela experiência direta do terreno, informado e refletido provoque a visibilidade das complexidades nas mudanças.

Em razão disso, tendo-se como fulcro a análise etnográfica crítica da educação chega-se ao seguinte problema e o seu questionamento: como a práxis pedagógica compartilhada entre Coordenador pedagógico e professores contribui no ensino-aprendizagem sob as perspectivas do Pensamento Complexo? Objetiva-se, portanto, situar e apontar num relato etnográfico-crítico (um “ver-relatando”) através de instrumentos de análise pela conjugação de “etnométodos”, tornar visíveis os caminhos percorridos na proposta da práxis pedagógica compartilhada na escola de educação integral. Assim, tem-se como objetivo geral: Propor uma análise etnográfica crítica da educação sobre a práxis pedagógica compartilhada entre Coordenador pedagógico e professores numa escola de educação integral sob as perspectivas do Pensamento Complexo. No concernente aos objetivos específicos estes delineiam-se como: Situar a práxis pedagógica compartilhada entre Coordenador pedagógico e professores no contexto escolar aprendente de educação integral; Identificar a mediação do pensamento complexo na práxis pedagógica compartilhada elaborada pelo Coordenador Pedagógico e professores; Apreender o aporte transdisciplinar na práxis pedagógica compartilhada entre Coordenador pedagógico e professores na escola.

De fato, um olhar crítico-reflexivo, pode constituir-se numa ferramenta de análise para a compreensão dos intensos e complexos diálogos intersubjetivos num contexto dialógico-problematizador, que são as práxis e suas complexidades compartilhadas de trabalho. Contudo, um diálogo intersubjetivo, que decorre entre os atores que povoam um contexto escolar, e narrado “de dentro”, como se fosse por alguém que se torna também ator para falar como um deles. Neste sentido, o trabalho de campo, como refere Genzuck (1993, p. 15), é uma experiência altamente pessoal, sendo a interligação dos procedimentos de campo com as capacidades individual (do investigador) e com a variação situacional o que faz do trabalho de campo uma experiência tão personalizada”.

2 PENSAMENTO COMPLEXO E EDUCAÇÃO INTEGRAL

A Escola de educação integral vem se consolidando num contexto em que a temática educação integral ganha relevância, ocupando destaque na agenda nacional. Com esse dimensionamento fica evidenciado que uma proposta de educação integral deve dar atenção a todas as potencialidades de cada indivíduo, não apenas às dimensões físicas e mentais, como também à emocional e espiritual. Sem embargo, a intenção de uma educação integral caminha, portanto, lado a lado com a formação integral, salientando a necessidade de uma formação do indivíduo compreendido como ser multidimensional.

O projeto da Escola de educação integral tem a intenção de se apresentar deixando clara as concepções que consideram primordiais, mas também percebe as dificuldades dos sistemas de se organizarem efetivamente em prol dessa educação integral. Mesmo assim, se traz algumas experiências que alimentam a possibilidade de apostar na construção doutro patamar de educação. Com efeito, este patamar, visa dar ênfase a princípios como: a) Currículo como Eixo Integrador; b) Ampliação e otimização de oportunidades de aprendizagem; c) qualidade de ensino-aprendizagem como garantia d) Gestão compartilhada como processo de construção do Projeto Político Pedagógico da Escola; e) ampliação das oportunidades oferecidas pela escola para apropriação do conhecimento historicamente produzido.

Em razão destes princípios, depara-se com novos desafios no campo educacional, ao pensar-se educação integral, no sentido de alcançar uma educação mais ampla e completa. Com efeito, promove também, a interação entre a escola e a comunidade, o reconhecimento à cultura local e o favorecimento à participação das famílias nos espaços educativos, a fim de contribuir para a construção de uma vida com mais qualidade em sua complexidade. Mas, “dentro dessa complexidade, todos eles têm uma dimensão humana, apresentando, portanto, implícita, a qualidade de vida que deles decorre” (GRECO, 1994, p. 27). Além disso, oferece condições de viver em sociedade e possibilita o exercício para tornar o educando ativo e capaz de construir conhecimento, por intermédio de sua interação com o outro e com o mundo.

Esta proposta se diferencia de outras experiências, pois, além da preocupação com o processo ensino-aprendizagem, desenvolve grande diversidade de atividades, levando-se em consideração, principalmente, o espaço, o tempo e a formação continuada dos profissionais da educação. Com efeito, visando promover a elaboração de conceitos que atendam às expectativas, interesses e necessidades do meio social. Isto mediante um currículo integrado e trabalhado de forma transdisciplinar. Assim, entra em cena o “circuito tetralógico para explicar essa relação recursiva (circuito de alimentação recíproca), complementar (sociedades, associações, mutualismos) concorrente (competições e rivalidades) e antagonista (parasitismos, depredações)” (MORIN, 2005, p. 55).

Desta maneira, pela abordagem do que é Integral, da Educação Integral, o pensar complexo se vale da religação de saberes que agem e retroagem uns sobre os outros. Devendo ser igualmente “probabilística, flexível, dialógica, generativa, sinfônica, aberta às lógicas já conhecidas ou que se venham a conhecer, numa perspectiva de organização e reorganização permanentes pela Ordem/Desordem, Interação/Organização” (MORIN, 2005, p. 204). Assim, promove-se a interação entre a escola e a comunidade de forma transdisciplinar e m sua complexidade. “A complexidade encontra-se justamente no âmago da relação entre o simples e o complexo porque tal relação é ao mesmo tempo antagônica e complementar” (MORIN, 1991, p. 125). Também o reconhecimento à cultura local e o favorecimento à participação das famílias nos espaços educativos de relações. Com efeito, estabelecendo relações entre estas questões, já se supõe ter um posicionamento crítico ante a fragmentação pessoal e social causada pela sociedade moderna (YUS, 2002, p. 32).

Doutra forma, em contraposição a fragmentação, a integralidade, pode ser alcançada a partir da capacidade de relacionar/interligar as dimensões, com o entrelaçamento de pontos que se complementam mesmo quando contraditórios. Também possibilita o exercício para tornar o educando ativo e capaz de construir conhecimento, por intermédio de sua interação com o outro e com o mundo. Neste sentido, o entendimento desta interação numa escola que trabalha a educação integral leva a refletir sobre os aspectos relevantes na formação integral do ser humano. Em razão desse contexto, a educação integral não representa apenas o aumento da permanência do educando na escola, mas a ampliação de oportunidades e situações que proporcionem aprendizagens significativas, emancipadoras e cidadãs. Nesse cenário depara-se com novos desafios no campo educacional ao pensar-se numa educação integral, no sentido de alcançar uma educação mais ampla, mais completa, que procura desenvolver as dimensionalidade do ser humano

3 COORDENADOR PEDAGÓGICO E CORPO DOCENTE

A escola, como instituição de ensino enfrenta muitos desafios que comprometem a sua ação frente às exigências que surgem. Assim, os profissionais, que nela trabalham, precisam estar conscientes de que os alunos devem ter uma formação cada vez mais ampla, promovendo o desenvolvimento das capacidades desses sujeitos. Para tanto, torna-se necessária a presença de um coordenador pedagógico consciente de seu papel, da importância de sua formação continuada e da equipe docente, além de manter a parceria entre pais, alunos, professores e direção. Partindo desse “pressuposto, podem-se identificar as funções formadora, articuladora e transformadora do papel desse profissional no ambiente escolar” (ALMEIDA, 2003, p. 34).

Considerando a função formadora, o coordenador precisa programar as ações que viabilizem a formação do grupo para qualificação continuada mediante uma práxis pedagógica, raciocínio prático sobre o cotidiano das aulas, do contexto, os espaços de convivência, revisitação as leituras, da formação pedagógica continuada, da participação em seminários congressos, pesquisas dentro e fora da escola, o incentivo a qualificação dos professores na pós-graduação e servidores em capacitação profissional. Consequentemente, conduzindo mudanças dentro da sala de aula e na dinâmica da escola, produzindo impacto bastante produtivo e atingindo as necessidades presentes. Assim, muitos formadores encontram na reflexão da ação, momentos riquíssimos para a formação. Isso acontece à medida que coordenadores e professores agem conjuntamente observando, discutindo e planejando, vencendo as dificuldades e requerendo momentos individuais e coletivos entre os membros do grupo, atingindo objetivos desejados. As relações interpessoais permeiam a prática do coordenador que precisa articular as instâncias escola e família sabendo ouvir, olhar e falar a todos que buscam a sua atenção.

Na formação docente, “é muito importante prestar atenção no outro, em seus saberes, dificuldades, sabendo reconhecer e conhecer essas necessidades propiciando subsídios necessários à atuação” (ALMEIDA, 2003, p. 46). Assim, a relação entre professor e coordenador, à medida que se estreita e ambos crescem em sentido prático e teórico (práxis), concebe a confiança, o respeito entre a equipe e favorece a constituição como pessoas. Na parceria escola e

família, esse profissional é requerido para estreitar esses laços e mantê-los em prol da formação efetiva dos educandos à medida que cada instância assuma seu papel social diante desse ato indispensável e intransponível.

Desta forma, é papel do coordenador favorecer a construção de um ambiente democrático e participativo, onde se incentive a produção do conhecimento por parte da comunidade escolar no ensino, na aprendizagem, promovendo mudanças atitudinais, procedimentais e conceituais nos indivíduos através da prática/realização, indiciabilidade, flexibilidade, relatabilidade, noção de membro. Assim, o protagonismo de seus componentes, pais, alunos, professores, coordenação e direção, ocasionem transformações significativas nesse ambiente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A troca bem como o compartilhamento de experiências e saberes numa escola possibilita a consolidação de espaços de formação mútua, uma vez que nestas situações cada usuário compartilhante é simultaneamente ensinante e aprendiz no ensino-aprendizagem numa relação transdisciplinar na práxis pedagógica compartilhada entre coordenador pedagógico e corpo docente. Assim, é na transdisciplinaridade da prática/realização, indiciabilidade, flexibilidade, relatabilidade, noção de membro que proporciona a compreensão da etnografia crítica da educação que se estabelece seu campo de conhecimento e prática e que, igualmente, se interligarão com outras disciplinas, especialmente aquelas mais próximas. É na transdisciplinaridade que se constituem conhecimentos que são comuns e conhecimentos incomuns em relação de cooperação e antagonismos.

A prática compartilhada entre os componentes de uma escola que aprende é imprescindível para a consolidação dos saberes que emergem da práxis pedagógica compartilhada em constante evolução, além de possibilitar a socialização, também a faz como afirmação de valores próprios da profissão. Neste contexto, a instalação de momentos compartilhados de reflexão no próprio ambiente de trabalho possibilita a contemplação da complexidade e singularidade da prática educativa e a sua tematização, a partir da utilização de recursos, teóricos e experienciais, vivenciais. Esses processos favorecem o desenvolvimento de práxis pedagógicas próprias, mediante a reflexão sobre vivências pessoais, na implicação com o próprio trabalho e com as relações estabelecidas na prática educativa.

Desta maneira, o compartilhamento de saberes e o conhecimento profissional apresentam-se como um processo capaz de conduzir a uma transformação de perspectiva nos processos de formação e produção pelos próprios professores, de saberes reflexivos de forma compartilhada. Assim, configurando-se, como desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes e das respectivas instituições escolares, uma vez que à realidade da escola associa-se à busca de alternativas produzidas pelos professores através de um processo que ocorre simultaneamente às atividades escolares. Todo profissional competente atua refletindo “na e sobre a sua ação”, criando uma nova realidade. Portanto, repensa, resignifica, reelabora para melhor compreender e julgar o que se está fazendo, ou o que se fez, ou ainda o que poderá

fazer. Tudo mediante o Pensamento Complexo que se estabelece com a realidade. Porquanto, a formação deve estimular uma perspectiva que oferte aos professores as ferramentas pedagógicas que facilite as dinâmicas de autoformação mediante práticas compartilhadas.

Assim, uma prática pedagógica proposta pelo professor elaborada de forma compartilhada, acontece de fato porque a Educação é entendida, por todos os atores da escola aprendente como um componente curricular, que tem sua importância na formação humana como educadora e cultivadora da vida. Outro importante momento para uma prática compartilhada é a formação continuada dos professores no próprio local de trabalho. Para uma formação continuada dentro da própria escola, são necessárias. Por fim, quando se fala em professor, Pensamento Complexo, transdisciplinaridade, vê-se que no contexto da aula tanto quanto no seu compartilhamento dentro da escola com as demais disciplinas, a educação de qualidade tem como objetivo central atingir o ser humano, como um todo. Logo possibilita-se aos usuários compartilhantes a conhecer e vivenciar diferentes manifestações do contexto aprendente de forma reflexiva e compartilhada.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GENZUK, M. **A Synthesis of Ethnographic Reserch. Occasional Papers Series**. Center for Multilingual, Multicultural Reserch (Eds). Rossier School of Education. Los Angeles: University Of Southern California, 1993.

GRECO, Milton. **A crise dos paradigmas, rigor científico e novos desafios**. In: Medina, Cremilda, Greco, Milton (Org.). *Saber plural: o discurso*, 1994.

LUDKE, M. & A, M.E.D.A. **A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 6ª edição. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária (EPU), 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução. Dulce Matos. Lisboa, 1991.
MORIN, Edgar. **O método I. A natureza da natureza**. Ed. Sulina, Poa. 2005.

YUS, Rafael. **Educação integral: uma educação holística para o século XXI**. POA: Artmed, 2002.